

HERZOG & DE MEURON, DIÁLOGO SOBRE ARTE E ARQUITETURA

Magda M. Melo*

RESUMO: Os arquitetos suíços Jacques Herzog e Pierre de Meuron desenvolvem uma poética cujas freqüentes colaborações de artistas vem codificar a imagem de uma obra arquitetônica e artisticamente inovadora. Concebem uma arquitetura experimental baseada na integração entre arte e arquitetura, alterando as convenções do modernismo ao combinarem elementos tradicionalmente incompatíveis: barroco e clássico, formas elementares e superfícies pictoriais, minimalismo e ornamento. Herzog & de Meuron entendem que é fundamental e necessária a contribuição participativa do artista, junto à equipe, com uma visão alternativa do mundo e das coisas, proporcionando aos arquitetos uma oportunidade em aprender algo novo que possa colaborar nas obras arquitetônicas. Josef Beuys, Arte Povera, Remy Zaug, Jenny Holzer, Arte Pop e Thomas Ruff representam linguagens conhecidas do universo artístico referenciais no desenvolvimento de seus trabalhos.

PALAVRAS-CHAVE: Arte e Arquitetura; Herzog & de Meuron; ornamentalismo; minimalismo.

HERZOG & DE MEURON: CONVERSATION ABOUT ART AND ARCHITECTURE

ABSTRACT: The Swiss architects Jacques Herzog and Pierre de Meuron develop a poetic one whose frequent collaborations of artists come to code the image of an architectural and artistically innovative work. They conceive an experimental architecture based on the integration between the art and architecture, altering the conventions of the modernism to combine elements traditionally incompatible: baroque and classic, elementary forms and surfaces pictoriais, minimalism and ornament. Herzog & de Neuron understands that it is fundamental and necessary the artist's participative contribution, close to the team, with an alternative vision of the world and of the things, providing to the architects an opportunity in learning something new that can collaborate in the architectural works. Josef Beuys, Arte Povera, Remy Zaug, Jenny Holzer, Art Pop and Thomas Ruff represent well-known languages of the artistic universe referenciais in the development of their works.

KEY WORDS: Art and Architecture; Herzog & de Meuron; ornamentalism; minimalism.

INTRODUÇÃO

Herzog & de Meuron, diálogo entre arte e arquitetura

A premiada dupla suíça Jacques Herzog e Pierre de Meuron destaca-se dentre os arquitetos atuais pela forma clara e expressiva de relacionar-se com artistas. Desde a sua formação, logo após terem deixado a universidade na década de 70, desenvolveram uma poética cujas freqüentes colaborações de artistas vem codificar a imagem de uma obra arquitetônica e artisticamente inovadora.

“Em muitos projetos chegamos a um ponto onde achamos absolutamente importante e necessário envolver um artista para melhorar o projeto. Este envolvimento não é para a decoração, ou para acrescentar uma peça que tornaria o projeto mais agradável, no entanto poderia ser uma possibilidade. Nós queremos mais que uma colaboração, queremos o artista como parte da equipe (...)”¹

Herzog & de Meuron tem investigado sobre as variadas e possíveis conexões entre forma e superfície. Produzem nas suas obras superfícies texturais através das composições baseadas na investigação e seleção de materiais de construção.

Observa-se um interesse em desenvolverem um volume simples como tema central, o cubo ou a caixa, envolvidos por elementos arquitetônicos não convencionais

como fotografias ou palavras.

Os projetos podem ser descritos como monólitos, figuras autônomas num espaço aberto, cujas fachadas acrescidas de variadas matérias e texturas têm nos incitado sobre a questão da estética minimalista e o uso do ornamento.

Arte Matérica

Herzog & de Meuron entende que é fundamental e necessária a contribuição do artista. Não uma contribuição com uma obra independente mas, participativa, junto à equipe de arquitetos, com uma visão alternativa do mundo e das coisas, proporcionando aos arquitetos a oportunidade de aprender algo novo que possa colaborar no desenvolvimento dos trabalhos. “Preferimos a arte à arquitetura, e consequentemente, os artistas aos arquitetos (...)”².

Segundo Herzog, os artistas são muito mais preocupados que os arquitetos com os problemas da percepção, em apelar aos sentidos. Estão mais interessados e dispostos em investigar e utilizar formas e materiais conhecidos de uma nova maneira, procurando causar algo de inusitado, inesperado, ambíguo.

“(…) nos interessa mais o impacto direto físico e emocional, como o som de uma música ou o aroma de uma flor.(…) A força de nossos edifícios está no impacto imediato,

*Professora do Departamento de Arquitetura da Universidade Paranaense - UNIPAR, doutoranda em História da Arte pela Universitat de les Illes Balears - UIB, Espanha.

¹ HERZOG, Jacques. Collaborations with artists, museum projects, and our first building in America. In: *Art and Architecture*. Marfa, Texas: Chinati Foundation, 2000. p. 31.

² Jacques Herzog em entrevista a Kipnis, Jeffrey. Uma conversación com Jacques Herzog (H&deM). *El Croquis*, v. 84,1997, p. 9.

visceral, que tem no visitante. Para nós, isso é tudo que importa na arquitetura.³

O pensamento inovador, o resultado impactante, a imediatez da arte contemporânea são qualidades convenientes para a dupla. Aprenderam com os artistas a lidar com a matéria; porque enquanto os arquitetos relacionam-se de um modo funcional, os artistas enfocam a sensualidade, atribuindo significado através da escolha dos materiais.

Herzog compreende seu processo projetual utilizando-se de analogias pictóricas urbanas – imagens da cidade como o concreto, o asfalto, manchas de fungos e umidade -, dissecando e reconstituindo uma realidade arquitetônica ao reinventar relações com formas inveteradas e familiares.

Entendendo que arquitetura é percepção, Herzog & de Meuron orienta-se pela imagem efetiva da cidade, sem a necessidade de relacionar-se com formas históricas através de referências, porque os arquitetos não emergiram no contexto da tradição da artesanaria como modelo.

Novos materiais ou mesmo aqueles já esquecidos pela arquitetura contemporânea são empregados ineditamente por Herzog & de Meuron. Cada projeto advém de uma pesquisa meticulosa: painéis em madeira compensada para as fachadas da residência em Bottmingen e a Galeria Goetz em Munique, pedras para a residência em Távole e a adega Dominus na Califórnia, ferro fundido para o prédio de apartamentos na Basileia, tiras em cobre para as torres de sinalização da Ferrovia Federal da Suíça.

Descende do amigo artista Joseph Beuys a investigação sobre a materialidade da obra e a maneira enfática que é exposta ao observador. Sem qualquer referência histórica a matéria destaca-se do contexto usual e projeta-se como obra de arte.

Como muitos outros artistas pertencentes ao séc. XX, Beuys incorporava materiais não tradicionais nas suas instalações e performances, explorando todas as possibilidades plásticas da matéria, seus diferentes aspectos e habilidades de mudanças. Foi o primeiro colaborador da dupla de arquitetos quando na década de 70 participou de um grupo de carnaval performático na cidade de Basileia. Para os recém formados Herzog & de Meuron foi uma experiência relevante que tem imprimido traços na totalidade de sua obra arquitetônica.

O diálogo entre as disciplinas artísticas certamente encontrará referência na Arte Povera, que utiliza materiais alheios à prática artística pondo em questão suas propriedades intrínsecas, sob o comportamento mutante de acordo com as influências das intempéries.

A matéria básica sofre interferências de processos químicos, mecânicos, ou mesmo biológicos, resultando em varias modificações na capa matéria e portanto na superfície dos edifícios. Novamente irá transformar-se conforme a incidência da luz, umidade ou outra alteração ambiental. Veja o edifício Ricola em Mulhouse, a água da chuva escorre pelas empenas deixando pátina sobre no concreto.

A qualidade pictórica convertida em tema está presente nas residências coloridas em Pilotengasse, Viena, em colaboração com o artista Helmut Federle e na residência de Oberwil pintada em azul.

Ornamento

Herzog & de Meuron experimenta arquitetura junto com outros artistas, alterando as convenções do modernismo ao combinarem elementos tradicionalmente incompatíveis: clássico e barroco, formas elementares e superfícies pictoriais, minimalismo e ornamento.

Desde seus primeiros trabalhos a dupla dedicou-se a desenvolver uma ornamentação têxtil, através da utilização de elementos superficiais análogos aos padrões de estampa, resultando numa casca que encobre totalmente os edifícios. O ornamento perde o relevo e conecta-se ao edifício como uma tatuagem sobre a pele.

Diferente da herança clássica, onde a forma é quem sustenta o ornamento, na obra de Herzog & de Meuron a ornamentação tem uma relação ativa com a superfície, com a camada externa do edifício.

Originada dos desenhos de estampa em tecidos, a ornamentação como pattern encontra em Herzog & de Meuron conteúdo e significado. Sendo impresso na cortina de vidro como limite entre o exterior e o interior; ou ainda na matéria opaca, sempre numa repetição incessante, sendo um plano geométrico descentralizado com ritmos imutáveis produzindo uma relação de escala entre o homem e a forma geométrica absoluta, entre o observador e o edifício. O ornamento em Herzog & de Meuron irá envolver a forma e ainda ordená-la.

Para o Pfaffenholz Sports Center em St Louis, França, impressões no concreto foram utilizadas pela primeira vez. Um sistema desenvolvido com retardantes de concreto criou superfícies erosivas - rugosa e lisa -, manipulando as sensações de profundidade sobre a superfície com diferentes refrações de luz – claro e escuro- promovendo uma percepção ótica ambígua entre o volume sólido e a superfície expandindo sobre o espaço.

Os arquitetos determinam primaz significância à fachada. Usualmente trabalham a parede libertando-se de sua função primordial e essencial de separação ou limite. As camadas pictóricas destacam-se da parede e colaboram para os efeitos de ambigüidade entre densidade e transparência, entre a forma estereométrica e o plano, entre o volume sólido e a superfície pictórica, situando a obra na divisa de conceitos díspares.

Em 1989 o artista Remy Zaugg convidou Herzog & de Meuron para elaborar o plano diretor da University of Blugundy, a partir de então um interesse recíproco vem mantendo um relacionamento capaz de discutir profundamente questões concernentes à arte e à arquitetura.

Um exemplo é o armazém para a fábrica Ricola na França cuja fachada em policarbonato revestido com silkscreen da imagem de uma folha do fotógrafo alemão da década de 20, Karl Blossfeld. Remy Zaugg ajudou os arquitetos definindo escala e controlando repetições da foto para evitar analogias com o kitsch ou mesmo semelhanças com estampas de revestimento para banheiro.⁴

Técnica preferida pelos arquitetos, a impressão sobre materiais foi também utilizada em projetos como a Igreja Ortodoxa em Zurique, Biblioteca Jussieu de Paris e a de Eberswalde. Inevitavelmente vinculamos à Arte Pop com as seqüências serigrafadas de imagens comuns: “Isso é

³ Jacques Herzog em entrevista a Kipnis, Jeffrey. Uma conversación com Jacques Herzog (H&deM). *El Croquis*, v. 84, 1997, p. 18.

⁴ HERZOG, Jacques. *Sui materiali=On Materials*. *Domus*, 1994, v. 765, pg 76.

exatamente no que estamos interessados: em utilizar formas e materiais conhecidos de um novo modo para revitalizá-los.”⁵

Remy Zaugg é quem mais tem participado de seus trabalhos, inclusive das exposições dos arquitetos em galerias e museus. A escolha justifica-se pelo interesse do artista em investigar a relação entre a obra de arte e o seu contexto. Outros também foram chamados a colaborar desta forma: Hannah Villiger, Margherita Spiluttini e Thomas Ruff. Comum entre esses é que não deixam de lado o seu fazer artístico mesmo estando com a função de representarem as obras dos colegas arquitetos como fotógrafos ou participando da montagem.

Quando numa visita a Allhambra, Granada, em 1990, Jacques Herzog escreveu estas seguintes notas:

“- Espaço – a ilusão de um plano ao invés de espaço ou da treliça em frente ao espaço infinito. Superfície – pedra (mundano, pesado) torna-se vestimenta (têxtil, imaterial). As portas e janelas parecem pontos permeáveis num tecido fabril; pedra, superfície cerâmica, - efeito têxtil”.⁶

Na percepção do arquiteto, o revestimento em pequenas cerâmicas projeta espaço no plano apagando cantos e bordas, e as treliças sobre janelas e portas asseguram a ilusão de inexistir aberturas sobre a fachada. O ornamento têxtil encobre toda a superfície extinguindo as medidas. A intenção é dissolver a materialidade sólida numa superfície brilhante de cor, linha e estrutura superficial – textura -, proporcionando ao espaço a ilusão de profundidade infinita.

Tornou-se uma questão de referência para os arquitetos: a utilização dos elementos figurativos sobrepondo-se à arquitetura - imagens iconográficas ou textos -, organizados num ritmo e adquirindo o caráter de textura, produz uma vibração que rompe a evidência da caixa de concreto ou vidro. Concebida como sendo o próprio edifício, a textura elimina a inércia das massas. A pele do edifício desfaz-se e dissolve a volume rígido do edifício.

O uso de imagens e tipos, letras e palavras, também aparecerá no projeto para o Centro de Artes em Blois. Como anúncios luminosos, faixas de textos eletrônicos deslocam-se em torno do edifício com frases de músicas e teatro. Similarmente às obras da artista Jenny Holzer, os arquitetos utilizam tecnologia de comunicação de massa – signos do nosso mundo cosmopolita – e infiltram em suas obras. A fachada capta e manipula símbolos da cultura mídia subvertendo a materialidade da obra arquitetônica. Percebemos o edifício como uma seqüência de palavras e não reconhecemos o caráter tectônico.

A transformação da superfície em campos sustentação de expressividades ornamentais irá culminar-se com o projeto para a biblioteca Eberswalde.

As fachadas revestidas com painéis de vidro e concreto são ornamentadas com repetições seriais de fotos. A diferenciação entre as tiras de concreto e vidro parece ser anulada, percebemos como uma superfície única.

Fotógrafo alemão que ocasionalmente tem colaborado com Herzog & de Meuron, Thomas Ruff selecionou de seus

arquivos fotos jornalísticas para encapar uniformemente o volume do edifício.

Como um diário visual, as imagens referem-se à própria história da Alemanha ou às invenções do domínio científico. Vão desde cenas relacionadas ao pós-guerra até sua reunificação e também ícones da história da arte como Vênus e Cupido de Lorenzo Lotto.

Os arquitetos aboliram a parede de vidro transparente, e tornaram a superfície translúcida criando uma tensão visual pela sugestão ao invés de utilizar a exposição aberta. A cortina de vidro não é mais utilizada como em Mies Van der Rohe, como um não material ou uma invisível barreira, considerando o espaço externo como extensão do espaço interno e evidenciando o que ocorre no interior. Apliques ou silkscreen vêm alterar essa mediação entre o público e o privado, enfatizando a dualidade entre a transparência e a materialidade.

Herzog & de Meuron e Thomas Ruff concebem as fachadas com uma série de fotografias silkadas, arrumadas de acordo com o princípio de alinhamento serial. O ornamento obedece às leis fundamentais de simetria e ritmo, correspondendo a um jogo geométrico de repetição e seqüência. O efeito da repetição tem a habilidade de transformar algo em novo. Uma imagem está fazendo a outra, sem interpostos, sem intercolúneos, sucessivamente numa superfície homogênea como Andy Warhol.

O significado do ornamento é expresso não mais pela figura, representativa, mas agora, pela repetição do silkscreen. Esta repetição destrói a imagem comparável à arte pop que manipulava o imaginário da mídia. Elemento primordial e gerador, a imagem é usada como matéria, perde a narrativa e alcança o grau zero do sentido. O ornamento tende à pura visualidade, sem significação.

Herzog afirma uma postura anti-representativa, sem a intenção de buscar significação para seus edifícios. Queremos fazer edifícios que provoquem sensações, não que representem esta ou aquela idéia.⁷

Para Riegl, a extinção do sentido era circunstância indispensável para os ornamentos estarem sujeitos aos princípios da simetria e do ritmo, e fruísem de plena flexibilidade para recobrir as mais variadas superfícies.⁸

A investigação de Thomas Ruff assemelha-se à produção de Herzog & de Meuron ao restringir seus temas a uma tipologia arquitetônica comum, com perspectivas frontais, como retratos “arquitetônicos” revelando um cotidiano sem originalidade, mas ao mesmo tempo, concedendo valores a estas formas banais.⁹

A neutralidade do edifício alcançada através da eliminação da hierarquia e do foco, e da simetria e da uniformidade das superfícies, do all-over, do esprovemento de qualquer narrativa, demonstra uma ambivalência entre o banal e o extraordinário.

Esta ambigüidade é o que caracteriza o aspecto provocativo dos edifícios e irá enfatizar o conceito de percepção espacial, concentrando-se na experimentação do espectador, e finalmente, elevando a obra arquitetônica a uma

⁵ Jacques Herzog em entrevista a Kipnis, Jeffrey. Uma conversación com Jacques Herzog (H&deM). *El Croquis*, v. 84,1997, p.12

⁶ MACK, Gerhard. *Herzog & de Meuron 1989-1991*. Basel: Birkhäuser Verlag, 1996, pg 7.

⁷ Jacques Herzog em entrevista a Kipnis, Jeffrey. Uma conversación com Jacques Herzog (H&deM). *El Croquis*, v. 84,1997, p. 18.

⁸ PAIM, Gilberto. *A Beleza Sob Suspeita*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, pg 45.

⁹ MACK, Gerhard; LIEBERMANN, Valeria. *Eberswalde Library Herzog & de Meuron*. London: AA Publications, 2000, p. 30.

discussão fenomenológica.

Particularidade comparável aos specific objects de Donald Judd que juntamente aos minimalistas procurava criar uma arte despersonalizada onde as propriedades físicas - espaço, escala e material - eram explorados como fenômenos de interesse em si mesmo ao invés de metáforas da experiência humana.

Herzog & de Meuron não reivindicam terem inventado uma nova linguagem, mas de permitirem o uso de linguagens conhecidas da arte contemporânea pelos artistas escolhidos nas suas obras. "Estas formas de colaboração tem nos ensinado muito. O desejo em aprender sempre tem sido o fator de motivação para nós. E colaboração tem sido uma oportunidade para aprendermos algo novo que tem nos ajudado progredirmos no nosso trabalho. Nós estamos sempre procurando um diálogo."¹⁰

Poucos arquitetos modernos ousam prover à arquitetura adições com propósitos decorativos. Oprimida pelo dogma "less is more", a arquitetura racionalista destituiu o ornamento transformando-o num artifício condenado. Seria recuperado com o pós-modernismo na década de 60, cujo esforço a favor da superfície deriva da idéia em transformar o ornamento num ato comunicativo, desvinculando a fachada do edifício.

Diferente de uma atitude pós-moderna, as fachadas de Herzog e de Meuron são mais gestuais que simbólicas. Enquanto Venturi faz uso da figura representativa intacta, Herzog & de Meuron a utiliza como matéria evitando o símbolo por ser este a superação da matéria. A superfície apresenta-se como um plano claro, não há resquício de profundidade, tudo ocorre às claras, no nível da consciência.

Enfim, para uma arquitetura baseada na experimentação, cujas intenções deixam claro um sistema de investigação da materialidade presenciada através da superfície, Herzog & de Meuron cercaram-se de artistas colaboradores no desenvolvimento de suas obras.

BIBLIOGRAFIA

FERNANDEZ-GALIANO, Luis. Dionísio em Basilea. **Arquitectura Viva**, v. 77, 1999.

HERZOG, Jacques. Collaborations with artists, museum projects, and our first building in America. In: **Art and Architecture**. Marfa, Texas: Chinati Foundation, 2000.

_____. La Geometria Oculta de la Naturaleza. **Quaderns d'Arquitectura i Urbanisme**. Barcelona :181-182, abril-setembro 1989, pp. 97-109.

_____. Sui materiali=On Materials. **Domus**, 1994, v. 765, pg 74-77.

KIPNIS, Jeffrey. Uma conversación com Jacques Herzog (H&deM). **El Croquis**, v. 84, 1997.

MACK, Gerhard. **Herzog & de Meuron 1978-1988**. Basel: Birkhäuser, 1997.

_____. **Herzog & de Meuron 1989-1991**. Basel: Birkhäuser, 1996.

_____; LIEBERMANN, Valeria. **Eberswalde Library Herzog & de Meuron**. London: AA Publications, 2000.

PAIM, Gilberto. **A Beleza Sob Suspeita**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

Recebido em:03/05/02

Aceito em:22/09/02

¹⁰ ZAUGG, Remy. **Herzog & de Meuron**. Stuttgart: Cantz Verlag, 1996, p. 23.